

tamento exemplar se define por "um estar ali e não estar ali, simultaneamente, num encontro desencontrado, ou num desencontro com marcas de efectivo encontro, em relação às pessoas que dela se aproximam" (p. 382). Numa leitura dificultada

aqui e ali pela ausência de notas e por algumas extrapolações algo fantasiosas (no âmbito de um trabalho de investigação científica) por parte de Nádia Battella Gotlib, *Clarice — Uma Vida que se Conta* constitui-se como um documento de vida (mais do

que de literatura) de Clarice Lispector de facto importante. No final, a confiança nas palavras da escritora para quem "viver leva à morte": "Mas de algum modo as pessoas são eternas. Quem me lê também".

Joana Matos Frias

## F. CRISTÓVÃO, M. DE LOURDES FERRAZ E A. CARVALHO (coord.)

### *Nacionalismo e Regionalismo nas Literaturas Lusófonas*

Lisboa, Cosmos, 1997

Este volume reúne os trabalhos apresentados ao II Simpósio Luso-afro-brasileiro de Literatura, realizado em Lisboa, entre 4 e 8 de Abril de 1994, por iniciativa dos Institutos de Literatura Portuguesa, de Estudos Africanos e de Cultura Brasileira da Faculdade de Letras local. Como afirma Fernando Cristóvão no texto de abertura, o tema que orientou o colóquio é da maior actualidade: «um dos mais poderosos vectores culturais do nosso tempo é este do regresso aos valores da identidade, depois de tanto se terem acentuado os da alteridade e do internacionalismo» (p. 17). Se é verdade que os 93 textos aqui reunidos não esgotam o tema, é igualmente certo que esses dois vectores do nacionalismo e do regionalismo nas diversas literaturas do espaço da lusofonia ficam a partir de agora mais iluminados.

Ao texto de apresentação seguem-se três conferências, representando cada uma delas um lado do triângulo luso-afro-brasileiro. Na primeira, Luís de Sousa Rebelo aborda as retóricas do discurso da identidade nacional, detectando «dois tipos de discurso que coexistem e alternam no imaginário colectivo sempre que se coloca a questão de Portugal e da Portugalidade: o discurso épico e o discurso da perdição» (p. 23-24). Acabando por deter a sua atenção em narrativas recentes, designadamente de Alexandre Pinheiro Torres, Lobo Antunes, Manuel Alegre e Helder Macedo, conclui que «é este

discurso épico, ou, todos aqueles que dele se reclamam ou aproximam, o discurso dos descobrimentos e das conquistas, (...) que é submetido a um processo de desconstrução, a uma premeditada rotura com todos os laços de uma determinada identidade histórica» (p. 32).

Na conferência seguinte, Tânia Franco Carvalho discute «O próprio e o alheio no percurso cultural brasileiro». Partindo da consideração do romance *Quarup* de Antônio Callado, publicado em 1967, chama a atenção para o dualismo de concepções que a tradição literária brasileira revela: de um lado, uma postura nacionalista, de outro, um pensamento ocidentalista e universalizante. Conforme demonstra, uma das melhores ilustrações do confronto entre as duas visões é a polémica que Alencar e Joaquim Nabuco travaram em 1875. Um dos aspectos que é possível descortinar nesse debate tem a ver com a questão do regional em sua articulação com o nacional. De acordo com a leitura da ensaísta, José de Alencar teria intuído «que a identidade nacional não existiria na sua totalidade sem a inserção das suas partes» (p. 42). Alargando o âmbito da reflexão, Tânia Carvalho propõe que «a noção de região, considerada em seu processo de constituição e de acentuação de peculiaridades locais, aproxima-se à de nação, pois que adopta idênticos procedimentos de construção e de afirmação. O regionalismo aparece na ficção, sublinhando as

particularidades locais e mostrando as várias maneiras possíveis de ser Brasileiro» (p. 42). O passo seguinte seria dado pelo Modernismo e, em particular, por Mário de Andrade, que teria buscado a «desgeografização», entendida como um processo pelo qual seria possível descobrir, para além das diferenças regionais, uma unidade subjacente relativa a sua identidade» (p. 42). Na última conferência, Arnaldo França apresenta uma bem documentada abordagem de «A literatura cabo-verdiana no contexto das literaturas africanas de língua portuguesa».

Seguem-se 90 comunicações, de temática e de orientação muito diversas. O espaço da literatura portuguesa é o que surge convocado com mais frequência. No âmbito do tema do nacionalismo, podemos destacar o trabalho de Maria de Lourdes Cidraes, que aborda o mito português do herói fundador, ou as comunicações de Maria Teresa Araújo e Helena Carvalhão Buescu, que, de perspectivas diferentes, reflectem sobre o nacionalismo de Garrett. Outro autor em foco é Eça de Queirós. Henriqueta Maria Gonçalves discute o «Nacionalismo e intencionalidade programática da *Revista de Portugal*», procurando mostrar, por intermédio da análise dos textos de Eça aí publicados, como este periódico foi «uma tentativa de contribuir para a regeneração da nação, para que Portugal pudesse ter uma voz activa e genuína na Europa civilizada» (p. 213). Françoise

in Terceriza Margem,  
nº 1, Porto, FLUP, 1998

Massa, por seu turno, numa trabalho intitulado «Gonçalo Ramires e Jacinto: construtores de um Portugal queirosiano?», detecta uma série de paralelismos entre *A Ilustre Casa de Ramires* e *A Cidade e as Serras* ao nível das estruturas, dos recursos e da técnica.

O eixo do regionalismo representa com frequência a oportunidade de convocar textos e autores menos consagrados. É o que acontece na comunicação de Fernando Cristóvão, dedicada ao tema «Da grandiloquência lusa ao ufanismo brasileiro». Procurando mostrar que «A atitude ufanista de descrever a terra, sobretudo a do mundo brasileiro, em termos superlativos (...) vai buscar a sua dinâmica a duas áreas culturais que, cruzando-se, possibilitam uma forma original de olhar a realidade: a da temática da viagem na sua vertente de viagem de expansão, e a da literatura portuguesa renascentista» (p. 165), o autor chama a atenção para três obras pouco conhecidas que podem ser consideradas modelos directos dos textos mais significativos do ufanismo brasileiro. Noutros trabalhos, o tema é aproveitado para o estudo de expressões literárias regionais. É o que faz Graça Correia de Castro, que aborda um romance madeirense publicado em 1877: *A Justiça de Deus*, de João Augusto d'Ornellas. De certa forma, mas agora em relação aos Açores, é também o caso de Hans-Peter Heilmair, autor de «Estratégias de delimitação das áreas nacionalista e regionalista: os exemplos de Cabo Verde e dos Açores». Outro espaço regional presente é Trás-os-Montes, graças à comunicação de Laura Bulger, centrada sobre Bento da Cruz, A. M. Pires Cabral e João de Araújo Correia.

Ainda no domínio da literatura portuguesa, há uma série de trabalhos sobre aspectos específicos de manifestações regionais que ocorrem em autores mais consagrados. Izabel Margato analisa o universo imagístico com que Cesário Verde representou a cena urbana de Lisboa, en-

quanto Serafina Martins se detém sobre o tema da cidade e do campo, articulado com a dicotomia futuro/tradição em duas obras de Aquilino: *A Via Sinuosa* (de 1918) e *Lápides Partidas* (de 1945). Presença forte é a de Jorge de Sena, a cuja obra poética, e em particular a uma certa ideia de exílio que a atravessa, são dedicadas três comunicações: de Margarida Braga Neves, Gilda Santos e Jorge Valentim. Saramago também não é esquecido: Luzia Helena Wittman procura demonstrar como o autor, em *Levantado do Chão*, «responde, através do modelo teórico da narrativa, aos objectivos ideológicos do neo-realismo português, nomeadamente no que diz respeito à descrição da natureza e ao próprio conceito de regionalismo, e como (...) problematiza essa questão num nível metadieético» (p. 507).

A literatura brasileira está também bem representada no volume em apreço. Um bom número de participantes no Sim-pósio centra a sua atenção em textos e autores representativos do processo de afirmação de uma literatura nacional. A *Prosopopeia* (1601) de Bento Teixeira surge convocada no trabalho de Maria de Santa Cruz, juntamente com um poemeto épico de temática moçambicana composto pelo P.<sup>o</sup> João Nogueira em 1635. Melânia Silva de Aguiar estuda a representação da paisagem em alguns dos principais poetas do chamado Arcadismo mineiro, sublinhando que em autores como Cláudio Manuel da Costa ou Silva Alvarenga a paisagem, «além de paisagem, é afirmação de identidade cultural» (p. 60). No mesmo âmbito cronológico se situa a comunicação de Carlos d'Alge, que aborda «A natureza brasileira segundo Fr. José de Santa Rita Durão e Garrett», discutindo a leitura que o poeta romântico fez do *Caramuru* (1781) e as origens do seu indianismo. Elemento fundamental desse processo de constituição de uma literatura nacional é a crítica, objecto do trabalho de Christiane Séris,

que dedica particular atenção a Sílvia Romero, José Veríssimo, Araripe Júnior e Nestor Vitor.

O tema do regionalismo na literatura brasileira tem também uma presença forte no volume. A par de abordagens mais globais, como a de José Aderaldo Castello, que o encara como uma derivada do nacionalismo romântico, encontramos visões centradas sobre um espaço específico, como o Rio Grande do Sul, objecto das comunicações do Irmão Evo Clemente e de Maria Eunice Moreira. Numa linha diferente, Horácio Costa procura estabelecer um paralelismo entre as representações literárias do Sul dos Estados Unidos e o Nordeste do Brasil, sublinhando a aproximação entre dois dos seus principais representantes: Faulkner e Lins do Rego, ambos marcados pela relativização da perscrutação mitificadora do passado regional, afirmando desse modo «a independência da produção literária do Sul norte-americano e do Nordeste brasileiro em relação aos ideologemas do ensaio regionalista que em ambas regiões se escrevia» (p. 153). Outra aproximação interessante é aquela que Selma Calasans Rodrigues faz entre Mário de Andrade e Jorge Luis Borges, a propósito dos temas do nacionalismo, regionalismo e universalismo. Pelas leituras novas neles propostas talvez valha ainda a pena chamar a atenção para estudos como o de John Gledson e de Angélica Soares, intitulados respectivamente «"O espelho" de Machado de Assis e a identidade brasileira» e «Adélia Prado: uma *Bagagem* erótica carregada de regionalismo».

O triângulo completa-se com a literatura dos países africanos de expressão portuguesa. Relativamente a Cabo Verde, entre temas mais previsíveis — como a poética de *Claridade*, Manuel Lopes ou Corsino Fortes —, talvez mereça destaque especial a comunicação de Maria Elsa Rodrigues dos Santos, dedicada a «"O Escravo"», romance do século XIX de José Evaristo de Almeida, e as pri-

meiras marcas da nacionalidade literária caboverdiana». No âmbito da literatura angolana, pode referir-se o estudo de Carlos Pacheco sobre «O nativismo na poesia de José da Silva Maia Ferreira» e a comunicação de Francisco Soares sobre «Ernesto Lara Filho e os "poetas do Sul"». Quanto a Moçambique, citem-se o estudo de Carmen Ribeiro Secco sobre Luís Carlos Patraquim e os de Piero Cecucci e Gilberto Matusse sobre Ungulani Ba Ka Khosa. Para terminar, sublinhe-se ainda a presença de cinco áreas da literatura oral. O conto popular é abordado por Isabel

Cardigos, que reflecte sobre a dicotomia regional/universal. Maria Aliete Galhoz propõe uma abordagem comparativa de dois «Romances de Reis», um da tradição oral e outro de um folheto setecentista. Ao folheto de cordel se dedica Sônia Maria Van Dijck Lima, comparando o popular «Romance do Pavão Misterioso» com a narrativa de Hermilo Borba Filho «Auto-de-fé do Pavão Misterioso». O motivo da carta no cancionário popular português é estudado por Ana Paula Guimarães e Manuela Parreira da Silva, numa comunicação encenada como troca de correspon-

dência entre as suas autoras. Referência ainda ao estudo de Rosa Marina de Brito Meyer, consagrado aos «Blocos de Carnaval no Rio de Janeiro: o perfil do Carioca nas letras dos seus sambas».

Em suma, e como se pode depreender destas breves referências, estamos perante um volume que, na sua diversidade, responde de forma muito satisfatória ao desafio da abordagem do tema do nacionalismo e do regionalismo nas literaturas lusófonas.

Francisco Topa

## ALBERTO DA COSTA E SILVA

*Ao Lado de Vera*

Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1997

Ler *Ao Lado de Vera* é assumir um compromisso de verdade com um biógrafo ou uma biografia (ou autobiografia), entrar numa rede de analogias que confluem na busca de uma unidade essencial.

«O que passa persiste no que tenho: a roupa no estendal, o muro, as pombas, tudo é eterno quando nós o vemos». Mas, muitas vezes, «as flores parecem musgo, limo, ferrugem, as feridas que os pássaros abrem na casca lisa e perfeita de um fruto». É assim que o «ser» sonhado se converte no «parecer» efémero, sob a forma de símbolos vários.

Variada é também a voz que perpassa os textos. Murmúrio de filho, conselho de pai, dúvida de avô, conclusão de amante. Mas o amor com que se pede, aconselha, duvida ou conclui é sempre «sem pressa da ausência», verdadeiro, a «força» que permite «resistir à fadiga de tanto céu e abismo». É a força erótica que permite ultrapassar «a viagem ao céu do chão».

A morte atravessa os poemas (os diferentes ritmos e formas) figurada de diversos modos — metaforizada, personificada, através da metonímia ou tomada literalmente — é morte

sempre, por vezes «cheia de infância e de medo». «Cuidado! Que vem vestida de infância e de vida.» É um «aviso, em voz baixa», já não é murmúrio, o último apelo desta grande alegoria.

Para o poeta, pela escrita, é possível fundar aquilo que permanece — e matizar o vermelho (de sangue) em amarelo e azul. Impõe-se que o leitor continue este exercício de imitação demiúrgica. Só há um caminho — é aceitar o desafio: é ler, de verdade.

Ângela Sarmento

## ANTÓNIO TORRES

*O Cachorro e o Lobo*

Rio de Janeiro, Editorial Record, 1997

Figura proeminente do actual romance brasileiro, o autor de *Essa Terra* (1976) empreende neste novo romance uma viagem em retrospectiva pela sua Bahia natal, sua memória. É ela que impõe o ritmo narrativo e discursivo, num deambular entre o «então» e o «agora», ao sabor do bolero, do samba e da poesia. Totonhim regressa a Junco, pequena cidade do interior da

Bahia, após vinte anos de esquecimento. A ocasião é de festa, comemora-se o aniversário do pai, o *velho* (80 anos). O narrador partira para São Paulo «onde tudo é verde como o céu (sim, o céu é verde; lá chove sempre)», abandonando o seu passado.

O regresso, qual filho pródigo, implica o acordar de fantasmas, tais como seu irmão Nelo que se enforcara vinte anos antes

após igual regresso de São Paulo; sua mãe que endoidece. O narrador dá conta da desertificação de sua aldeia que se operava havia vinte anos, mas que se mantém vinte passados: de facto, mantém-se a seca, a pobreza. A sua Junco é agora terra de velhos, doidos e acomodados, de gente que à noite se fecha em casa vendo televisão («— A esta hora, meu filho? Logo na